



ESPAÇAMENTOS ÁUREOS LACUNAS
DIANTE DE NÓS DESERTOS VERDES
SÃO SONHADOS SERÃO DITOS
OS PÁSSAROS DE AZEVICHE IMÓVEIS
AS ARMAS DEITADAS SOB O SOL
O SOM DAS VOZES CANTANTES
AS MORTAS AS MORTAS AS MORTAS

CONSPIRAÇÕES REVOLUÇÕES
O ARDOR NO COMBATE
CALOR INTENSO MORTE E FELICIDADE
NOS PEITOS OS MAMILOS
AS FÊNIX AS FÊNIX AS FÊNIX
SOLTEIRAS E ÁUREAS LIVRES
O SOM DE SUAS ASAS SE ABRINDO

OS PÁSSAROS AS SEREIAS NADADORAS
AS ARESTAS TRANSLÚCIDAS AS ASAS
OS SÓIS VERDES OS SÓIS VERDES
AS PRADARIAS VIOLETAS E PLANAS
OS GRITOS OS RISOS OS MOVIMENTOS
ELAS AFIRMAM TRIUNFANTES QUE
TODO GESTO É SUBVERSÃO.

Quando chove, elas ficam no quiosque. Escuta-se a água bater nas telhas e deslizar pelas encostas do telhado. Franjas de chuva cercam o pavilhão do jardim, a água flui mais intensa pelos ângulos, é como se um manancial escavasse os pedregulhos ao tocar o solo. Por fim, uma delas diz que o barulho parece de micção, que ela não aguenta mais, e se agacha. Algumas, então, formam um círculo em torno dela para ver as ninfas expulsando a urina.

Escondidas por trás das árvores, dão sustos umas nas outras. Uma ou outra pede clemência. Quando não há mais para onde fugir, deixam-se capturar no escuro, ouvindo maledicências das demais. Há também as que tateiam, farejam, aquela cujo perfume será consagrado. O amomo o anis o bétele a canela a cubeba a menta o alcaçuz o almíscar o gengibre o cravo a noz-moscada a pimenta o açafraão a sálvia a baunilha podem ser sucessivamente consagrados. Aquelas que levam no corpo esses perfumes são então perseguidas no escuro, como num jogo de cabra-cega. Ouvem-se gritos risos barulhos de queda.

Em tempos cinzentos, elas se afundam em lágrimas, dizendo que o teto das casas e as paredes têm uma cor bem diferente sob o sol. A neblina se espalha sobre a água sobre os campos em torno das casas. Penetra por trás das janelas fechadas. Uma delas vem visitar a casa. Ela não consegue vê-la. Os quadros grandes de cores violentas desaparecem sob o vapor laranja. Ela se deixa, então, ir ao chão, pedindo que a distraiam. Conta-se a ela, em muitos detalhes, a história daquela que, ao falar de sua vulva, costuma dizer que, graças a essa bússola, consegue navegar do nascente ao poente.

Algumas nadam e ficam à deriva até os últimos respingos do

sol sobre o mar. No ponto mais iluminado, quando, com a vista ofuscada pela luz, elas tentam se distanciar, dizem ser acoissadas por um fedor insuportável. Mais tarde, são acometidas por vômitos. Forçando os braços, elas começam a gemer, nadando o mais rápido que conseguem. A dada altura, esbarram na carcaça flutuante de um asno, os redemoinhos do mar fazem surgir, de tempos em tempos, partes viscosas disformes, reluzentes, de uma cor indizível. Elas dizem que gritaram com todas as forças, derramando muitas lágrimas, lamentando que não sopra nenhuma brisa marinha para levar embora o fedor, sustentando uma delas, desmaiada, com os braços e a virilha, enquanto o vômito se multiplica em torno delas na superfície da água.

Se alguma delas caminha pela costa, mal consegue se manter de pé. Pelas sebes se veem cólquicos brancos e roxos ou cogumelos de píleo cor-de-rosa. A grama não está alta. Há novilhas em grande número. As casas estão fechadas desde as chuvas de outono. Não há meninas brincando nos jardins. Não há flores nos canteiros. Há alguns brinquedos abandonados, um aro de madeira pintado um olisbos vermelho e azul um balão branco um fuzil.

Vão ao mercado buscar mantimentos. Passam em frente às bancas de frutas de legumes de garrafas de vidro rosas azuis vermelhas verdes. Há pilhas de laranjas laranja de abacaxis ocre de tangerinas de nozes de mangas verdes e rosas de nectarinas azuis de pêsegos verdes e rosas de damascos amarelo-laranja. Há melancias mamões abacates melões amêndoas verdes nêspersas. Há pepinos berinjelas repolhos aspargos mandioca branca pimentas vermelhas abóboras. Nos braços nus das jovens vendedoras, pousam vespas que vão e vêm.

De chapéu marrom escuro, as caçadoras são acompanhadas por cachorros. Ao som de tiros de fuzil, Dominique Aron diz que o pássaro ainda voa, a lebre ainda corre, o javali o cervo a raposa o javali-africano ainda correm. É possível ficar de olho nos arredores. Se uma tropa avança na estrada, levantando uma nuvem de poeira, elas a observam se aproximar, gritando aos quatro ventos que fechem as janelas e deixem os fuzis atrás delas. Anne Damien faz o papel da minha irmã Anne você não está vendo nada vir em nossa direção? Não vejo nada, a não ser o verde da relva e o pó da estrada.

Ao cair da noite, passa uma carroça levada por um cavalo. A carroça carrega um amontoado de beterrabas cortadas ou de batatas ou de forragem. Pode-se ouvir os cascos batendo no piche da estrada muito tempo antes e muito tempo depois de sua passagem. Nenhuma delas conduz o cavalo que segue o seu caminho.

O QUE AS NOMEIA COMO
O OLHO DOS CICLOPES,
SEU ÚNICO NOME PRÓPRIO,
OSEIAS BALKIS SARA NICEIA
IOLE CORÉ SABINE DANIELA
GALSUINTA EDNA JOSEFA

Em algum lugar há uma sereia. Ela tem o corpo verde coberto por escamas, o rosto descoberto, a parte inferior dos braços escarlate. Às vezes começa a cantar. Dizem que, de seu canto, se escuta apenas um O contínuo. Isso faz com que o canto evoque para elas, como tudo o que lembra o O, o zero ou o círculo, o anel vulvar.

À beira do lago há um eco. Ficamos lá com um livro aberto cujas passagens são repetidas do outro lado pela voz que se distancia e ecoa. Lucie Maure grita ao duplo eco a frase de Fenarete, digo que o que é é. Digo que o que não é também é. Quando ela repete diversas vezes a frase, a voz duplicada, depois triplicada, sobrepõe sem cessar o que é e o que não é. As sombras deitadas no lago se movem e começam a tremer com as vibrações da voz.

Entre as mãos, elas têm pequenos livros que dizem ser feminários. São muitos exemplares do mesmo modelo ou talvez existam em diversos tipos. Em um dos feminários, uma delas escreveu uma passagem que elas repetem para si mesmas sussurrando e que as faz gargalhar. Quando folheado, o exemplar revela inúmeras páginas em branco nas quais elas escrevem de tempos em tempos. Basicamente, cada página tem palavras impressas em caracteres maiúsculos em número variável. Às vezes há apenas uma ou ainda há espaço na página. Na maioria das vezes, os caracteres estão isolados no meio da página, bem espaçados, pretos sobre fundo branco ou brancos sobre fundo preto.

Depois do nascer do sol, elas besuntam o corpo com óleo de sândalo de cúrcuma de gardênia. Apoiam um pé sobre um tronco de árvore. Alternadamente, esfregam com as mãos as pernas, cuja pele reluz. Algumas estão deitadas. Outras as massageiam com as pontas dos dedos. Os corpos nus brilham sob a intensa luz matinal. Um de seus flancos reflete a luminosidade dourada do sol. Ao projetar obliquamente seus raios sobre os troncos eretos e circulares das árvores, o nascer do sol provoca o mesmo efeito. Sob esse toque, os arcos do círculo refletem um pouco de luz, seus contornos se desvanecem.

Pântanos de turfa surgem no alto das colinas. São feitos de lama cor de hena. Há ebulições, explosões nas superfícies, bolhas. Um pedaço de pau que se agita em meio à turfa se choca com corpos viscosos e macios. Não é possível trazê-los à superfície. Com a mínima pressão, eles se esquivam, escapam. Elas dizem que às vezes as explosões as bolhas são acompanhadas de gemidos de murmúrios. O sol evapora os pântanos. Sobe um vapor fétido nauseante.

As nômades possuem um cadáver mumificado que colocam para fora quando não chove, por causa do odor do corpo que não está bem seco. Elas o expõem ao sol em sua caixa. O cadáver está vestido com uma longa túnica de veludo verde, coberta com bordados brancos e ornamentos dourados. Prenderam pequenos sinos no pescoço dele, nas mangas. Colocaram medalhas nos cabelos. Quando pegam a caixa para retirá-lo, o cadáver tilinta por todo lado. De vez em quando, alguma delas vai aos três degraus que levam ao trailer para olhar as nuvens. Quando o céu escurece, elas, em duplas, abaixam a tampa da caixa e a colocam lá dentro.

As meninas procuram os ninhos de pintassilgos de tentilhões e pintarroxos nos arbustos e nas árvores. Encontram canários verdes e os cobrem de beijos, segurando-os contra o peito. Correm cantando, saltam sobre as pedras. São cem mil, voltando às suas casas para abrigar os pássaros. Na pressa, elas os seguram com muita força. Correram. Abaixaram-se para recolher as pedrinhas que jogaram longe, por cima das sebes. Não prestaram atenção aos gorjeios. Subiram diretamente para os quartos. Tiraram os pássaros de suas roupas, os encontraram sem vida e com a cabeça caída. Todas, então, tentaram reanimá-los, pressionando-os contra a boca, deixando cair sobre eles a respiração quente, levantando a cabeça mole, tocando o bico com os dedos. Eles

permaneceram inertes. Então as cem mil meninas choram a morte dos canários verdes nos cem mil quartos das cem mil casas.

FLORA ZITA SAVÉ CORNÉLIA
DRAUPADI JULIANA ETMEL
CLOÉ DESDÊMOMA RAFAELA
ÍRIS VERA ARSÍNOE LISE
BRENDA ORFISA HERODIAS
BERENICE SIGRID AUDOVERA

Seja qual for a hora fixada para designar o início da ação, é preciso se apressar para que acabe antes do pôr do sol. Pode-se ver a parte inferior das escadas posicionada no chão, o topo escondido no amontoado de folhas e frutas. As cestas ao pé das árvores por vezes transbordam de cerejas: *belles de Choisy* cerejas inglesas ginjas marascas cerejas de Montmorency *bigaudelles* cerejas selvagens. São pretas brancas vermelhas translúcidas. Ao redor das cestas, maribondos e zangões se movimentam freneticamente. Elas sobem nas árvores, descem com os braços carregados de frutas. Algumas têm cestas presas na cintura. Outras estão imóveis nos degraus em diferentes alturas. Há também aquelas que se movem entre os galhos. Nós as vemos saltar para o chão e soltar a carga. Os raios oblíquos do sol incidem sobre as folhas e as fazem brilhar. O céu está cor de laranja.

Elas dizem que expõem seu sexo para que o sol se reflita nele como em um espelho. Dizem que retêm seu brilho. Dizem que os pelos pubianos são como uma teia de aranha que captura os raios. Nós as vemos correr a passos largos. Estão totalmente iluminadas no centro, a partir do púbis do clitóris

encapuzado das ninfas duplas e dobradas. O clarão que emitem quando se imobilizam e viram a face faz com que desviem o olhar por não suportarem a visão.

Quando a lua está cheia, o tambor bate na praça principal. Os cavaletes são erguidos. Há copos de todas as cores e garrafas contendo líquidos coloridos. Alguns são verdes vermelhos azuis e evaporam se não ingeridos tão logo seja retirada a rolha que os encapsula. Cada uma pode beber até cair morta de bêbada ou até perder o controle de si mesma. O aroma das drogas que deixamos escapar das garrafas paira na praça, nauseante doce. Todas bebem em silêncio, em pé ou deitadas nos tapetes desenrolados ao longo da rua. Então elas fazem vir as meninas. Nós as vemos meio adormecidas desnorteadas hesitantes. Elas são convidadas a usar seu poder sobre os corpos estendidos, chorosos. As crianças vão de uma para outra tentando despertá-las, usando pedras dos baldes d'água, gritando com toda a força, acocorando-se para alcançar os ouvidos das mulheres adormecidas.

Marthe Vivonne e Valérie Céru fazem um relatório. Dizem que o rio se eleva entre as bordas. Os campos de flores às margens estão tomados por água. Corolas arrancadas, de cabeça para baixo, giram na correnteza, reviram-se. Há um odor de putrefação ao longo do rio. Ouve-se um rugido, como de uma eclusa rompida. Barcos virados passam à deriva. Árvores inteiras são levadas, seus galhos carregados de frutas arrastados pela água. Marthe Vivonne e Valérie Céru dizem não ter visto cadáveres de animais. Relatam que, por muito tempo, no caminho de volta, ouviram o ruído do rio, os choques entre seu curso e o leito.

Os passeios com as glenúrias em suas coleiras não são fáceis. Seus corpos longos e filiformes são sustentados por milhares

Elas se lembram da história daquela que, por muito tempo, viveu onde os camelos passam. Cabeça nua sob o sol, Clémence Maïeul invocou sem parar Amaterasu, a deusa do sol, cortando seus cabelos abundantes, inclinando-se três vezes em direção ao chão, que ela golpeia com as mãos, e dizendo, eu te saúdo, grande Amaterasu, em nome de nossa mãe, em nome daquelas que estão por vir. Que venha nosso reino. Que esta ordem seja rompida. Que os bons e os maus sejam abatidos. Elas dizem que Clémence Maïeul frequentemente desenha no chão o O, que é o sinal da deusa, o símbolo do anel vulvar.

Elas dizem que qualquer uma poderia invocar outra deusa do sol, tal como Cihuacóatl, que é ao mesmo tempo deusa e guerreira. Poderíamos, por exemplo, por ocasião da morte de uma delas, nos valer da velha canção de luto que é uma canção gloriosa. Cantam, então, todas juntas, moça forte e belicosa, minha filha tão amada/ moça valente e pombinha terna, minha dama / você se esforçou e trabalhou como uma moça valente / você venceu, você fez como sua mãe, a dama Cihuacóatl / você combateu com bravura, você se serviu do escudo e da espada / levante-se, minha filha / vá àquele lugar bom que é a casa de sua mãe, o sol / onde todas são plenas de alegria de contentamento de felicidade.

Elas saltam sobre os caminhos que levam até as aldeias agitando os cabelos, os braços carregados de cinocéfalos, batendo os pés no chão. Uma delas, parando, arranca um punhado de cabelos longos e os abandona ao vento, um a um. Assim como os balões que as meninas soltam nos dias de festa, erguendo-se no céu, leves inconsistentes filiformes rodopiantes, o vento os carrega para o alto. Ou então elas cantam juntas uma canção que inclui estas palavras: quem até agora mamou na ponta de meu seio / um macaco. Elas, então,

azuis e, quando se levanta, os devolve às mãos da vendedora. A vendedora de alfinetes ergue a cabeça em direção ao céu, começa a correr abrindo as mãos, rindo com toda a força, espalhando por toda parte os alfinetes verdes vermelhos azuis, a garotinha a segue pulando em um pé só, enquanto a moça grita estridentemente da janela.

Ou então elas disputam um jogo. Há uma fileira de sapos, imóveis, os olhos esbugalhados. O primeiro, atingido por um pontapé, cai de lado de um bloco como um boneco com enchimento de palha, sem um grito sequer. Os outros fogem pulando. De vez em quando suas costas ficam visíveis por sobre luzernas e trevos rosa. Eles parecem galinhas gordas, cabeça baixa, bicando e olhando para o chão. Não progridem regularmente. Alguns mais rápidos estão bem à frente. Um deles desaparece na sebe. É logo seguido por outros, à exceção de um que continua vagando no campo.

OTTONE KAMALA POMARE

SIGISMUNDA MARCELINA

GALATEIA ZAIRA EVELINE

CONSTANÇA ANUNCIADA

VITÓRIA MARGARIDA

ROSA JÚLIA AGLAE LEDA

Ou então os três gatos são capturados pela cauda em uma armadilha. Vão miando, cada um em seu caminho. A armadilha pesada avança lentamente atrás deles, aos solavancos. Eles gritam, se debatem, arranham o chão. Os pelos estão eriçados. Um dentre eles fica imobilizado e arqueia as costas, rangendo os dentes e gritando. Os dois outros gatos tentam sacudi-lo puxando a armadilha, mas

pinças, elas removeram da terra as extremidades filiformes quebradiças onduladas. Nelas estavam presas folhas murchas atrofiadas podres. Delimitando sistematicamente as zonas nas quais a árvore se nutria, elas chegaram ao centro da árvore, ao tronco. Retiraram por completo a árvore enterrada, ramos folhas tronco raízes. O tronco roído e esbranquiçado está como que transparente. Os ramos e as raízes estão parecidos. Dos ramos e das raízes principais partem ramificações que formam uma rede complicada e emaranhada, levemente obstruída em uma parte ou outra por algumas folhas, alguns frutos.

A tarefa de buscar água é sinalizada por um chocalho de madeira muito dura, de buxo ou de sândalo, que, quando agitado, produz um barulho dissonante. A água é recolhida em cubas de enorme capacidade. Há outras dispostas nos subterrâneos que a maré invade. De modo geral, há sempre água em abundância. Ela é utilizada para amolecer o solo antes de iniciar os trabalhos. É assim que se pode delimitar os contornos das vias suplementares, cavar trincheiras, estabelecer novos terraços, instalar rotatórias.

DEMÔNIA ÉPONINE GABRIELA
FÚLVIA ALEXANDRA JUSTINA
FILOMELA CELINA HELENA
FILIPINA ZOÉ HORTÊNSIA
SOR DOMINGAS ARABELLE
MARJOLAINE LOYSE ARMANDE

Laure Jamais começa sua história com *plume, plume o escargot*, feijãozinho. É de Iris Our que se trata. Laure Jamais diz: ela está ou não está morta? Os nervos relaxam. Ela se

Branca de Neve corre pela floresta. Seus pés engancham nas raízes das árvores, fazendo com que tropece a todo momento. Elas dizem que as meninas conhecem de cor essa história. Rosa Vermelha segue atrás dela, obrigada a gritar enquanto corre. Branca de Neve diz que tem medo. Branca de Neve corre dizendo: ó, meus ancestrais, eu me prostro aos vossos joelhos sagrados. Rosa Vermelha ri. Ri tanto que cai e se irrita. Gritando de raiva, Rosa Vermelha persegue Branca de Neve com um bastão, ameaçando derrubá-la às pancadas se ela não parar. Branca de Neve, mais branca do que a seda branca de sua túnica, se deixa cair ao pé de uma árvore. Então Rosa Vermelha, escarlate como uma peônia ou como uma rosa vermelha, vai e vem, furiosa, diante de Branca de Neve, batendo no chão com o bastão e gritando: você não os tem, você não os tem. Branca de Neve vira a cabeça para a direita a fim de ver Rosa Vermelha passando, depois para a esquerda para vê-la passando de novo e repetindo cada vez mais alto, você não os tem, você não os tem, até que, para acabar com isso, Branca de Neve pergunta: mas o que é que eu não tenho?, e essa pergunta interrompe Rosa Vermelha, que diz: ancestrais sagrados, você não os tem. Branca de Neve diz que pode muito bem viver sem eles, ainda mais agora que já não tem medo algum, e, apoderando-se do bastão, corre para todos os lados, pode-se vê-la batendo com toda a força nos troncos das árvores, açoitando os arbustos macios, golpeando as raízes musgosas. A certa altura, ela golpeia fortemente Rosa Vermelha adormecida ao pé de um carvalho, como se fosse uma raiz grande, rosa como uma rosa.

Elas dizem que encontraram uma enorme quantidade de nomes para designar a vulva. Dizem que memorizaram alguns para se divertirem. A maioria deles perdeu o sentido. Quando se referem a objetos, são aqueles que caíram em desuso ou, então, nomes simbólicos, geográficos. Entre elas, nenhuma pode decifrá-los. As comparações, por outro lado, não apresentam problema. Por exemplo, quando se

herbários ou bestiários. Dizem que podem fazer isso com discrição. E que o que devem mencionar, antes de tudo, são sua força e coragem.

O grande livro de registro está aberto, posto sobre a mesa. A todo momento, uma delas se aproxima e escreve algo. É difícil consultá-lo, pois raramente fica disponível. E, mesmo quando fica, é inútil abri-lo na primeira página procurando uma ordem de sucessão. Se alguém o toma ao acaso, é possível que ache algo que lhe diga respeito, por pouco que seja. Ainda que bastante diversos, todos os escritos possuem uma característica comum. Não há instante em que uma delas não se aproxime do registro para acrescentar alguma coisa. Ou então proceder à leitura em voz alta de uma passagem qualquer. Pode acontecer de muitas delas estarem presentes nesse momento. Também pode acontecer de a leitura ser feita sem nenhuma plateia, à exceção de uma mosca inconveniente que pousa na têmpora da leitora.

Às vezes Philomèle Sarte canta acocorada sobre os calcanhares, oscilando o busto para a frente e para trás, balançando-se da direita para a esquerda. Se ela para de cantar, cai para a frente, a face contra o solo, ou lateralmente, batendo a bochecha no chão, dobrando as pernas de lado. Então ela canta descontinuamente. Quando seus olhos se fecham de cansaço, duas mulheres a levam até a cama ou a colocam na grama sob o sol, e ela adormece assim.

Hélène Myre passa entre os grupos com bandejas transparentes. Ouvem-se vozes, murmúrios. Sons dissonantes de um *cartolo* emanam do laranjal. Dentre elas, muitas tocam trompete e correm pelas avenidas. Nesse entretempo, Hélène Myre apresenta, casualmente, copos de xarope com cores diversas. Perguntam-lhe qual é o líquido